

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LASEB
CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Adelaine Cristina de Melo Ribeiro

A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
EXPLORANDO O NOME PRÓPRIO

Belo Horizonte

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LASEB
CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Adelaine Cristina de Melo Ribeiro

**A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
EXPLORANDO O NOME PRÓPRIO**

Trabalho final de Conclusão de Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, área de Concentração Processos de Alfabetização e Letramento, da Universidade Federal de Minas Gerais .

Orientador: - Prof. Gilcinei Teodoro Carvalho
Belo Horizonte

R484a Ribeiro, Adelaine Cristina de Melo, 1977-

A apropriação da escrita na educação infantil [manuscrito] : explorando o nome próprio / Adelaine Cristina de Melo Ribeiro. - Belo Horizonte, 2019.
29 f., il.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho.

Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação pré-escolar. 2. Nomes pessoais. 3. Escrita. 4. Alfabetização.
I. Carvalho, Gilcinei Teodoro. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. I. Título.

CDD- 372.414

Catálogo da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Albert Torres. CRB6 2582

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica*.)

Folha de Aprovação

Adelaine Cristina de Melo Ribeiro

A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPLORANDO O NOME PRÓPRIO

Trabalho final, apresentado a Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovada em 07 de dezembro de 2019, pela banca constituída pelo membro:

Prof. (a) Valéria Barbosa de Resende – Professora da UFMG

Orientador: - Prof. Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte, 07 dezembro de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO SEXAGÉSIMO QUARTO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título ‘A Apropriação da Escrita na Educação Infantil: explorando o nome próprio’, do(a) aluno(a) **Adelaine Cristina de Melo Ribeiro**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: **Gilnei Teodoro de Carvalho** (orientador) e **Valéria Barbosa de Resende**. Os trabalhos iniciaram-se às 9h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(s) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota _____, conceito B. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para jaseb@fae.ufmg.br e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, **Ana Maria de Castro Rocha**, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Adelaine Cristina de Melo Ribeiro
Adelaine Cristina de Melo Ribeiro

Registro na UFMG: 2018749610

Gilnei Teodoro de Carvalho
Gilnei Teodoro Carvalho
Professor(a) Orientador(a)

Valéria Barbosa de Resende
Valéria Barbosa de Resende
Professor(a) Convidado(a)/Avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 1.A EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE | 11 |
| 1.1 AMBIENTE ALFABETIZADOR | 15 |
| 2.A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA ATRAVÉS DO NOME PRÓPRIO..... | 18 |
| 2.1. DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA | 19 |
| 2.2 O PROCESSO PARA A CONSTRUÇÃO DAS HIPÓTESES | 19 |
| 2.3 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS | 22 |
| 3.CONCLUSÕES | 26 |
| 4.REFERÊNCIAS | 28 |

AGRADECIMENTOS

À minha família, pela paciência.

A meu orientador, Professor Gilcinei Teodoro Carvalho, pela paciência, pelos ensinamento e contribuições, sem os quais este trabalho não seria possível.

As colegas de trabalho, por estarem comigo nesta jornada, que contribuíram, com suas opiniões.

A Diretora, a vice-diretora, a coordenadora e a professora da EMEI que me receberam tão bem, para que eu pudesse realizar meu trabalho.

RESUMO

A aquisição da escrita é o início oficial do ingresso da criança em nossa sociedade grafocêntrica. O objetivo deste trabalho é entender como a partir da compreensão do nome próprio é possível o início dessa alfabetização. Para as crianças, o nome próprio é o que tem mais significado, exercendo um grande valor social. Para respaldar a análise, foram utilizados como referência os trabalhos de Ana Teberosky(2007), Emilia Ferreiro(2011), Magda Soares (2018) e Mônica Correia Baptista (2010) e as Proposições Curriculares da Educação Infantil de Belo Horizonte. A partir de observações e coletas de dados, foi possível realizar a análise da aplicação de um plano de ação que consistiu em investigar como acontece a aquisição da escrita na educação infantil, iniciando pelo nome próprio e pela disposição da escrita. Entre os principais resultados, observamos que realmente o nome próprio traz muita relevância, sendo um importante referencial para o primeiro repertório de letras das crianças.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Nome Próprio; Escrita. Alfabetização.

INTRODUÇÃO

A aquisição da escrita sempre me deixou curiosa para entender como a criança de 3, 4 e 5 anos se inserem nesse mundo da linguagem escrita e como conseguem adquirir e fazer uso dessa linguagem na escola.

Através de conversas, observações, planejamento de aula, das atividades, com práticas e vivências significativas, para as crianças, iniciei essa busca. _Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, onde o saber ler e escrever tem um importante valor, em que conhecer e dominar a escrita significa acesso à informação e conhecimento. Assim, as crianças, desde quando nascem estão inseridas nessa cultura letrada e a todo o momento, elas estão em contato com práticas sociais que envolvem a escrita. Por todos os lugares, temos a escrita presente: nos livros, revistinhas em quadrinhos, revistas, folhetos, encartes, nos shoppings, nas padarias, supermercados, na TV e até mesmo em suportes contemporâneos, como celulares e computadores.

Antes mesmo de estarem em escolas, algumas famílias possuem o hábito de ler para as crianças, contar histórias. Então, quando essas crianças chegam às escolas, elas já trazem muito conhecimento de escrita e será na escola que ela passará a ter o contato mais formal com o sistema de escrita.

Na escola, a criança passa a ter muito mais acesso a diversos tipos de gêneros textuais, podendo manusear livros, revistas, histórias em quadrinhos, encartes, confeccionar bilhetes, murais, cartazes, participar de construção de produção de texto coletiva e outros. Todas essas atividades, no contexto escolar, visam promover um conhecimento sobre a escrita.

O objetivo deste trabalho é o de entender como a compreensão do nome próprio pode ajudar na aprendizagem da escrita e como são desenvolvidos na escola atividades nessa direção. Para isso, acompanhei, em períodos esporádicos, no ano de 2019, uma turma com 22 crianças de 05 anos, da Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte, de horário parcial. A maior dificuldade encontrada foi por não estar em sala de aula e realizar a pesquisa com uma turma que eu não estava presente por todo o ano. Estou trabalhando em uma EMEL, que só atende a crianças de 0 à 2 anos, por isso optei em realizar o trabalho em outra instituição, onde oferta o atendimento para crianças de 0 à 5 anos.

A escolha do tema partiu das minhas angústias relacionadas às práticas pedagógicas anteriores, enquanto professora e coordenadora pedagógica de Escola de Educação Infantil da PBH. Nessas situações, mesmo que de maneira intuitiva, nós, professores, discutíamos a relevância do trabalho com o nome próprio, destacando a sua importância para o

desenvolvimento do conhecimento sobre o sistema de escrita. A utilização do nome próprio aconteceu, várias vezes, sem a intencionalidade do letramento. A escrita era apresentada como se fosse algo para ser aprendido através da memorização e da cópia. Em nenhum momento era pensado o uso funcional dessa escrita, o contexto dessa escrita. Apenas trabalhava-se com palavras soltas, fora de um contexto e muitas vezes sem nenhum significado para a criança. A escrita era realizada, portanto, de maneira mecânica, sem nenhuma vivência para a construção de hipóteses de escrita, e sim apenas para adquirir a habilidade de escrita desse código, meramente para reproduzir.

Acredito que seja importante realizar essa pesquisa justamente para refletir sobre a minha prática, a utilização de atividades sem objetivos específicos e, certamente, adquirir novos conhecimentos que possam validar ou refutar algumas das opções pedagógicas desenvolvidas no cotidiano da escola.

Com base nessas problematizações, o objetivo foi de entender como acontece essa apropriação da escrita na educação infantil, com embasamentos teóricos, principalmente nas teorias de Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e Magda Soares entre outros e especificamente, em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Belo Horizonte.

Após realizar essa busca por esse referencial teórico, utilizei as duas versões das Proposições Curriculares Educação Infantil Rede Municipal de Educação. A primeira versão é de 2009, apresentada em volume único, foi um documento escrito com a contribuição dos professores da rede municipal de educação. Nessa versão, as indicações são separadas por linguagens e descrevem as capacidades de cada ciclo. Já na segunda versão há uma divisão em três volumes, sendo que o primeiro trata dos “Desafios da Formação”, o segundo é o “Caderno dos Eixos Estruturadores” e o terceiro caderno é o das “Linguagens”, que ainda não foi publicado. Temos também, para auxiliar o trabalho, o caderno de Avaliação.

A metodologia empregada neste estudo foi da pesquisa-ação, participante, partindo de um Plano de Ação, onde o objetivo era conhecer, reconhecer e fazer uso da direção da escrita para registro do nome próprio. Pensando na prática e na teoria, após a realização da pesquisa, foi feita uma reflexão sobre como colocar em prática o que foi pesquisado, fazendo uso desse aprendizado para incentivar esse aluno a cada vez mais a ter interesse pelo o que está sendo ensinado.

Foi necessário fazer uma revisão bibliográfica, observação em sala de aula, o levantamento das necessidades, levantamento das hipóteses, o plano de Ação, coleta de dados a avaliação e resultados como procedimentos da pesquisa desenvolvida.

Este trabalho foi dividido em três seções. Na primeira seção abordamos sobre a Educação Infantil na Rede Municipal de Belo Horizonte. Na segunda seção, sobre a Construção da escrita através do nome próprio. Na terceira seção, a análise dos resultados.

1.A EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

A Educação Infantil de Belo Horizonte compreende no atendimento às crianças na faixa etária de Creche (0 a 2 anos) e pré-escola (3 a 5 anos), trabalhando com o seu desenvolvimento integral.

As escolas de Educação Infantil utilizam como documentos orientadores e norteadores: as Proposições Curriculares para Educação Infantil de Belo Horizonte (2009 e 2015), os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1998) e a Base Nacional Comum Curricular.

A PBH trabalha com o princípio orientador de Educar cuidando e cuidar educando, pois os dois não podem estar separados na Educação Infantil. De acordo com as Proposições Curriculares, a educação de crianças em espaços educativos deve se diferenciar da educação realizada em espaços privados como a casa, pela família ou outro cuidador, ao mesmo tempo em que busca complementá-la. O Professor deve oferecer atividades diferenciadas das vivências das crianças, das ofertadas no dia a dia, para que haja estímulo e que as mesmas se formem como sujeito competente e autônomo. (BELO HORIZONTE, 2016, p.39)

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) e a Resolução CNE/CEB nº 05/2009, em seu artigo 4º, definem a criança como:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 97)

A Educação Infantil, sendo a primeira etapa da educação básica, tem como objetivo o desenvolvimento do sujeito. É o início da educação básica, e é nessa fase que devemos incentivar a criança a ter curiosidade e desejos pela aprendizagem.

De acordo com a LDB, em seu artigo 29 que diz:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p.137)

Para esse desenvolvimento integral acontecer, faz-se necessário que a criança se conheça, conheça sua identidade, sua história. Nesse sentido, as Proposições Curriculares para Educação Infantil trazem:

A identidade é o ponto de referência do processo de subjetivação, podendo ser considerada como aquilo que permite ao sujeito de diferenciar dos outros membros do seu grupo ao mesmo tempo em que se identifica com este grupo. (BELO HORIZONTE, 2015, VOL 2, p.27)

A infância é um período de muito significado na formação das crianças e é um o momento intenso de descobertas e aprendizado. A primeira infância é a fase da vida entre zero e aproximadamente os três anos de idade. Essa é a fase de grande desenvolvimento físico, mais do que isto, é um período em que o ser humano se desenvolve psicologicamente, envolvendo graduais mudanças no comportamento da pessoa e na aquisição das bases da sua personalidade. Um dos aspectos dessa faixa etária é o desenvolvimento gradual da fala e da linguagem corporal. As crianças, nesse momento, aprendem muito, observando tudo que está a sua volta, progredindo intelectualmente.

Por isso a importância de se oferecer experiências significativas, possibilitando constante oferta de estímulos, para o desenvolvimento infantil. Quanto mais estímulo essa criança receber, mais oportunidade ela terá, para construir novos conhecimentos, significando e ressignificando o mundo onde está inserida.

A escola é um local privilegiado, rico em conhecimentos e experiências. As Proposições Curriculares para a Educação Infantil (2009) afirmam que:

(...) é função da instituição educativa desenvolver uma proposta curricular que leve as crianças a atingirem patamares mais organizados de conhecimento complexo e de processos complexos de conhecimento, favorecendo a sua participação e inclusão nas discussões e busca de respostas para as questões de seu tempo e idade, de sua sociedade, deste mundo e agora. (BELO HORIZONTE, 2009, p.23)

Hoje, sabemos que as crianças ao iniciarem na escola, já trazem uma grande bagagem de vivências e experiência, conhecimentos prévios, construídas em práticas do uso social da escrita. Desde o nascimento, as crianças estão expostas a um mundo letrado, por todos os lugares é possível se ler algo, nos supermercados, shopping, lojas, encartes, placas e etc, diferentes gêneros e portadores de texto. A escola tem a função de equivaler, socializar o conhecimento, e isso deve ser feito de forma natural.

Assim como afirmou Mônica Correia (2010), a tarefa da Educação Infantil é expandir as experiências com as linguagens e auxiliá-las no seu processo de inclusão em uma sociedade grafocêntrica.

Devemos aprofundar as relações com a escrita através daquilo que é significativo para as crianças, como por exemplo: nome próprio, nome do amigo, da professora, a rotina escolar, as brincadeiras, as cantigas, as histórias e tudo que faz parte do seu cotidiano.

Para que as crianças se desenvolvam, devemos oferecer novidades, experiências diferentes das que as mesmas já conhecem, pensando, sim, em boas práticas, para não ficar oferecendo sempre mais do mesmo, utilizando dos recursos que as crianças já os utilizam em casa, como os vídeos da internet. Como por exemplo, os vídeos do youtube, que são de fácil acesso, como Peppa Pig, Galinha Pintadinha, e outros. As boas práticas são aquelas planejadas com objetivo e intencionalidade.

De acordo com explicação Glossário Ceale, no verbete: Apropriação da linguagem escrita na Educação Infantil, Mônica Correia Baptista (2019) diz:

Esse processo pressupõe situações de aprendizagem planejadas, sequenciadas, sistematizadas e desenvolvidas por profissionais qualificados e devidamente habilitados, que, de um lado, garantam o contato cotidiano das crianças com variados suportes e gêneros discursivos orais e escritos e, de outro lado, incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento e o conhecimento das crianças sobre a linguagem escrita.

Ao pensar em como a criança adquire a escrita, surgem algumas perguntas como: Como ensinar as crianças o processo de aquisição da escrita? Como se desenvolve o processo da escrita na criança? O que seria mais próximo da criança que seu nome?

Através do nome, nos identificamos no mundo. Ao escrever o nome, a criança se insere no mundo da escrita. De acordo com Emilia Ferreiro e Ana Teberosky(2007), o nome próprio como modelo de escrita, como primeira forma escrita, dotada de estabilidade e significado. Modelo estável, por ter uma quantidade definida de letras que não irão variar e da direção da escrita.

A criança irá adquirir a noção de letras, que lhe ajudarão na escrita de outras palavras. O registro das palavras é importante, mas o trabalho com o registro de letras isoladas também, para poder aprender o nome das letras e o som das mesmas. Assim podemos elaborar atividades, trabalhando com as letras do alfabeto, dentro de um contexto, com significado, para que as crianças não só reconheçam as letras, como também consigam fazer a associação ao som.

Nesse período, é necessário que as crianças tenham muito contato com os textos escritos de diversos gêneros. O trabalho com a leitura ajuda no desenvolvimento da compreensão, no conhecimento de novos gêneros, no conhecimento dos portadores de texto, com reconhecimento e familiaridade com as letras, como ilustra RCNEI (1998):

...as poesias, parlendas, trava-línguas, os jogos de palavras memorizados e repetidos, possibilitam as crianças a tentarem não só aos conteúdos, mas também a forma, aos aspectos sonoros da linguagem, como ritmo e rima, além das questões culturais e afetivas envolvidas. (BRASIL, 1998, p.141, vol.3)

Esses momentos devem ser prazerosos, para a criança perceber as funções sociais da escrita e se apropriar das práticas de letramento desenvolvidas em contextos sociais, inclusive o contexto escolar.

1.1 Ambiente Alfabetizador

Como já foi dito, as crianças estão inseridas em um mundo totalmente letrado. Ao chegarem à escola já tiveram experiências e vivências com a escrita e na escola essas experiências e vivências devem ser efetivas para seu uso. A escola deve proporcionar um ambiente alfabetizador. A sala de aula deve ser um ambiente estimulante, alfabetizador, que dialogue com o Projeto Institucional da escola, com Projetos específicos da turma, com significado para as crianças, de maneira a estimular, instigar a querer sempre mais informação. Como diz Magda Soares (2018, p.19): “a criança, para aprender o sistema de escrita depende de estímulos externos cuidadosamente selecionados ou artificialmente construídos com o único fim de levá-la a apropriar-se da tecnologia da escrita”.



fig.1 : Foto pessoal - Associação da letra inicial do alfabeto com a letra inicial do rótulo



fig.2: Foto pessoal - Exposição do alfabeto como modelo, chamada e calendário.

Assim cabe ao professor, ofertar outras possibilidades, diferentes daquelas que as crianças já estão acostumadas a receber da família. Através de projetos e atividades planejados e embasados em teoria, em práticas significativas, utilizando de diferentes materiais disponibilizados e ofertados pela instituição. Se em casa a criança tem acesso a vídeos do youtube, o professor ao levar um vídeo, deve levar um vídeo diferente daquele que a criança tem acesso em casa, para diversificar seus conhecimentos. O professor deve criar condições para que a criança faça descobertas, ele precisa oferecer textos diferenciados do seu cotidiano, de diferentes portadores, com diferentes tipos de letras, como a cursiva, a de imprensa, tanto maiúscula quanto minúscula, deixar a criança manipular esse material.

Para a criança entender a escrita ela também precisa ter momentos para compreender a leitura. São muito importantes os momentos de leitura para as crianças.

Durante as atividades oferecidas, também é importante oferecer momentos diários de contação e leitura de histórias, leituras de Parlendas, de poesias, entre outros gêneros literários, de cantigas de roda, proporcionar momentos de leitura com a família, através de projetos de leitura entre outros gêneros textuais.

A sala de aula deve ser um ambiente encantador, provocante; deve ser lúdico e conter materialidade para aguçar, causar interesse, curiosidade, seduzir as crianças, com materiais dispostos ao alcance das crianças, como diferentes portadores de textos e gêneros.

A escrita deve fazer parte da rotina das crianças, estar presente e ser utilizada todos os dias, em momentos diferentes. Podemos fazer uso da escrita dos nomes para fazer a chamada e deixar esses nomes expostos na sala de aula. Cartaz com o nome do ajudante do dia. Identificar as capas das agendas com nome.

Mas para que tudo isso tenha realmente significado para as crianças, é preciso que compreendam o real uso e a função da escrita. Como problematiza Craidy & Kaercher (2001, p.142) “Para que se deve aprender a ler e escrever, qual o uso, a utilidade dessa linguagem na vida cotidiana? Ou seja, qual a função social da escrita?”.

Nesse processo de aquisição da escrita, a oralidade deve ser estimulada para que contribua com as construções de hipóteses, na hora da escrita. A criança começa a perceber que a fala se materializa na escrita. Por isso, é importante que os textos conhecidos pelas crianças fiquem expostos na sala de aula, como cantigas, parlendas, nomes dos colegas.

Esse espaço deve ofertar e proporcionar diversas possibilidades de ampliação cultural e a inserção das crianças nesse mundo letrado. Essa aprendizagem deve ser feita de forma prazerosa, sem constrangimentos para as crianças, de modo a estimular e proporcionar interesse ao aprendizado.

O professor é o seu exemplo de escritor, por isso também é importante ter atividades onde o professor seja o escriba da turma, mas também podem acontecer momentos onde as crianças poderão fazer os registros em cartazes, murais, avisos e atividades construídas em conjunto dentro da sala de aula. O importante é que tenha o envolvimento, a participação da criança.

Em situações de interação, as crianças também demonstram um bom desenvolvimento através dessa troca de experiências.

Esse ambiente sofrerá mudanças, alterações, a partir do desenvolvimento das crianças e o que estamos trabalhando, com significado para as mesmas. Sempre que se fizer necessário, realizar as trocas de cartazes, com letras de musica, parlendas e registros de escrita.

Esses momentos de garantia de escrita são de suma importância, estarem na rotina, proporcionando momentos de trocas e de experimentar novas experiências.

Para trabalhar com as crianças a escrita, o professor precisa se preparar, planejar aula e deixar toda a materialidade organizada e separada. Como ilustra a BNCC: “Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar, e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (BNCC, p.37).

2. A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA ATRAVÉS DO NOME PRÓPRIO

O nome é de pertencimento de cada um, ele é único, mesmo quando são escritos da mesma maneira, com a mesma grafia, eles trazem significados, sentimentos diferentes para cada um, devido à história de cada um, quem escolheu, porque escolheu, e etc.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI,1998, P38) “o nome traz mais do que uma grafia específica, ele traz também uma história, um significado. Nada é mais próprio da criança que seu nome, que é cheio de significado e afetividade.

Craidy & Kaercher (2001), cita Wallon, que diz que o desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito faz dela . Se pensarmos em apropriação, quando as crianças iniciam seu percurso escolar, essa apropriação sonora do nome já existe, ela precisará se apropriar agora é da escrita. É de suma importância que as crianças conheçam, reconheçam e interajam com seu nome e de seus colegas.

O nome traz uma parte da história de vida de cada um. Ele contribui para a construção da sua identidade, pessoal, social e cultural. “A criança se identifica e se reconhece através do seu nome, que é proferido por seus familiares.” (Proposições Curriculares para Educação Infantil, vol 2, p28)

É de costume, no início do ano, colocarmos nas crianças crachás, para podermos identificá-las uma vez que ainda não sabemos seus nomes. É nesse momento que devemos iniciar as atividades com o nome próprio. Nesse momento, as crianças começarão a identificar, reconhecer e compreender as letras que formam seu nome.

Ao apresentar a escrita para as crianças, estamos mostrando que é possível fazer o registro, a representação daquilo que antes era apenas falado, e agora é escrito. Assim, as crianças já passam a ter um pequeno repertório de letras. Ao passarem a reconhecer e conhecer as letras do seu nome, e dos seus colegas, essas letras servirão como referência para outras palavras. As crianças vão começando a perceber que a disposição das letras, quantidade, organização da escrita, posicionamento (onde começa e onde termina) e o posicionamento do papel e do caderno.

A criança começa por descobrir que partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra escrita (suas sílabas) FERREIRO (2011, p.27).

O nome é uma palavra fixa, ele não varia podendo ser utilizado como modelo. Ele sempre será escrito com a mesma quantidade e com as mesmas letras, no crachá, nas fichas,

na chamada, na capa da agenda, na mochila, nas capas dos cadernos nos cabeçalhos das atividades, etc.

2.1 Desenvolvimento da Escrita

Na Educação Infantil, a escrita deve ser introduzida de maneira prazerosa, para incentivar a criança, e não podemos nos esquecer de que a criança tem seu ritmo, e as atividades de construção de escrita não podem ser predominantemente rotineiras, massacrantes. Devemos ter cuidado com o uso das atividades de cópias, com fichas, exercícios repetitivos, associação de letras ao som, etc e, principalmente, de não transpor atividades do Ensino Fundamental para a Educação Infantil:

... a linguagem escrita deve ser trabalhada por meio de estratégias de aprendizagem capazes de respeitar as características da infância. Para isso o trabalho com a leitura e escrita precisa ser coerente com o universo infantil, com a forma lúdica da criança construir significados para o que faz, para o que vê e para aquilo que experimenta. O direito de ter acesso ao mundo da linguagem escrita não pode descuidar do direito de ser criança e há muitas maneiras de se respeitarem as duas coisas. (Baptista, 2010, p.14)

A apropriação da linguagem escrita está relacionada à experiência que as crianças estabelecem com os leitores e escritores... para que a criança se aproprie da escrita é necessário que participe de situações em que a linguagem escrita adquira, significado. (BELO HORIZONTE, 2009 p 157)

2.2 O processo para a construção das hipóteses

Após a realização do estudo bibliográfico de algumas obras e trabalhos de Emília Ferreiro (2011), Ana Teberosky (2007) e Magda Soares (2018), comecei a embasar as observações de acordo com esses estudos. Durante o tempo de observação, pautei-me no pressuposto de pesquisa-ção. Após realizar a observação do desenvolvimento da turma, embasada na teoria, realizei a coleta de dados por observação participante, buscando melhoria para minha prática.

A EMEI está situada na zona Norte de Belo Horizonte, onde atende às crianças de 1 ano à 5 anos de idade, funcionando em dois turnos, manhã e tarde. A turma de crianças que acompanhei é composta de 22 crianças de 5 anos, alunos da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, que já eram alunos da EMEI no ano anterior, sendo que 50 % dos alunos já estavam na EMEI desde a idade de 03 anos. A

pesquisa foi realizada na Escola, na sala de aula das crianças, juntamente com a professora referência da turma.

Em conversa com a professora, a mesma relatou que no mês de abril 90 % da turma já fazia o reconhecimento de todas as letras do alfabeto, aleatoriamente e 40% conseguiam realizar o registro dessas letras. No mesmo mês, ao realizar a escrita dos nomes, 30% das crianças, mesmo com o auxílio da ficha, utilizando de letra cursiva maiúscula, não conseguiam realizar o registro ou demonstravam ter dificuldade. As observações aconteceram em dias alternados. A partir dessas observações com essas crianças, foi possível intensificar as atividades com o nome, intercaladas com atividades das famílias silábicas.

Após realização do diagnóstico a professora referência da turma, iniciou a apresentação das famílias silábicas. Essa apresentação era feita através de registro no quadro, em atividades no caderno.

De acordo com Frade (2007) com Glossário Ceale, verbete: Método Silábico:

O método silábico se caracteriza pela apresentação visual de sílabas prontas, sem forçar a articulação das consoantes com as vogais, e sem destacar as partes que compõem a sílaba. O princípio básico é que a consoante só pode ser emitida se apoiada na vogal; logo, somente a sílaba (e não as letras) pode servir como unidade linguística para o ensino inicial da leitura.

O método silábico atende a um princípio importante e facilitador da aprendizagem: quando falamos, pronunciamos sílabas, e não letras ou sons separados, e opera com um fragmento que pode ser reconhecido sem preocupação sobre sua relação direta com o som da fala. (FRADE, 2007.)

Podemos verificar de acordo com explicação de Bregunci (2019.) Glossário Ceale, verbete: Psicogênese da aquisição da escrita, de Maria das Graças de Castro Bregunci:

De acordo com este referencial, a apropriação da escrita se apoia em hipóteses do aprendiz, baseadas em conhecimentos prévios, assimilações e generalizações, dependendo de suas interações sociais e dos usos e funções da escrita e da leitura em seu contexto cultural.

Podemos pensar em qual etapa essas crianças se encontram? Estão conseguindo construir hipóteses de escrita? As crianças só realizam cópias ou possuem noção de escrita? Elas entendem que cada palavra tem um determinado conjunto de letra para ser escrita? e que escrever não é apenas um amontoado de letras.

Essas hipóteses aparecem no Glossário Ceale, verbete: Psicogênese da aquisição da escrita, de Maria das Graças de Castro Bregunci, considerando os estudos de Ferreira e Teberosky, Bregunci destaca que:

Tais hipóteses oferecem informações relevantes sobre níveis ou etapas psicogenéticas no processo de alfabetização e podem se manifestar tanto em crianças como em adultos: a) *pré-silábica* – o aprendiz ainda não compreende que a escrita representa os sons das palavras que falamos, mas faz experimentações diversas, utilizando, simultaneamente, desenhos e outros sinais gráficos – e, por isso, sua representação só é entendida ou ‘traduzida’ por ele mesmo.

b) *hipótese silábica* – o aprendiz percebe os sons das sílabas como segmentos da palavra a ser escrita, mas supõe que apenas uma letra pode representá-las graficamente, podendo ou não ter o valor sonoro convencional.

c) *hipótese silábico-alfabética* – o aprendiz se encontra em transição entre níveis psicogenéticos e tanto pode representar sílabas completas como representações parciais da sílaba por uma só letra

d) *hipótese alfabética* – o aprendiz compreende o princípio alfabético, percebendo unidades menores do que as sílabas, os fonemas, e gradualmente domina suas correspondências com os grafemas.

E ainda completa dizendo:

Algumas implicações pedagógicas da perspectiva psicogenética merecem destaque, sobretudo em contextos de alfabetização: 1) os progressos psicogenéticos na escrita são diferentes para cada aluno, pois não dependem apenas de experiências escolares; 2) a complexidade e o dinamismo desses processos são incompatíveis com a avaliação da ‘prontidão’ dos alunos ou a constituição de turmas homogêneas com alunos idealizados; 3) as hipóteses sobre a língua escrita expressam *erros construtivos* dos alunos – e o conhecimento dessas hipóteses propicia aos professores mediações oportunas e planejamento de atividades direcionadas a avanços na aquisição da língua escrita (BREGUNCI, ano2010, p.)

Todos os dias as crianças realizam o registro da escrita do nome no cabeçalho das atividades e no Para Casa, que levam três vezes por semana. A professora fez uma ficha com o nome de cada criança e essa ficha fica dentro do caderno de Para Casa. E alguns momentos a professora utilizava de atividades de cópia, para fazer a reprodução dos traçados gráficos, utilizando o nome próprio como modelo.

Nas atividades em sala, eram trabalhadas as famílias silábicas,, como na,ne,ni,no nu, ra,re, ri,ro,ru e outras. E em algumas atividades a professora pedia para formar ou dizer uma palavra que se iniciava com aquela sílaba ou que tinha aquela sílaba na sua composição, a criança precisa dizer o que essa palavra significava, assim trabalhando o lado lexical das palavras. As crianças realizavam atividades no quadro para formar palavras e no caderno para formalizar o registro da escrita.

Após explicar para a professora meu objetivo, e realizar essas observações, iniciei as atividades com as crianças. Meu maior desafio foi o fato de não estar na sala todos os dias, e

não ser a professora da turma, pois isso fez alterar o comportamento da turma um pouco. Não ter pleno conhecimento sobre o desenvolvimento da turma, pois uma coisa é o dia a dia dentro de sala e outra coisa é a observação naquele momento, em pequenos recortes.

Esses momentos fragmentados não foram suficientes para criar uma relação afetiva com as crianças, que é muito importante nessa fase, algumas crianças da turma, quando eu perguntava alguma, algumas crianças coisa já respondiam: - não precisa me perguntar por que eu não sei.

2.3 O processo para a construção das hipóteses de escrita

Realizei quatro atividades com as crianças em dias alternados. Durante essas atividades, estavam presentes 19 crianças. Meu objetivo foi de verificar se a partir do reconhecimento das letras do nome as crianças iriam conseguir formar outras palavras utilizando as mesmas letras, utilizando o mesmo repertório de letras. Para alcançar esse objetivo, executei algumas atividades com as crianças.

O objetivo da atividade foi de sondagem, para ter certeza de que todos já estão escrevendo seu nome corretamente sem o uso da ficha. A primeira atividade foi da escrita do nome sem o auxílio das fichas. Expliquei para as crianças que iria entregar uma folha de papel A4 em branco, para cada uma e que nessa folha era para escrever o seu nome.

Essa atividade foi bem tranquila para as crianças uma vez que em todas as atividades elas já escrevem o nome. O que chamou a muita atenção foi em relação à posição do papel. Ao entregar o papel, as crianças colocavam a folha na posição retrato e automaticamente as crianças viravam a folha para a posição paisagem.

O tamanho das letras também era uma coisa que variava muito. Algumas crianças fizeram uma letra bem pequena no canto da folha, outras centralizaram a escrita, e outra muito interessante, fez uma letra muito parecida com a forma da letra cursiva, como um espiral e me disse que agora a mãe dela estava ensinando a ela, a escrever com letra cursiva.

Outra criança, ao entregar a folha, procurou um objeto que desse para ser utilizado como régua, para fazer um traço para escrever o nome. Apenas duas crianças escreveram o nome na posição retrato. E quatro crianças escreveram o nome completo, porque queriam me mostrar que já sabiam escrever o nome todo, mas todas escreveram o nome.

As atividades acima confirmam o que diz Magda Soares (2016):

O conhecimento das letras é, pois, componente fundamental da compreensão do princípio alfabético. As crianças têm contato com as letras desde muito cedo, no contexto familiar e social, e também em práticas que, já na educação infantil, precedem o ensino formal da língua escrita: elas aprendem a copiar e memorizar as letras que compõem seu nome;(SOARES, 2016, p.2018) Alfabetização a questão dos métodos)

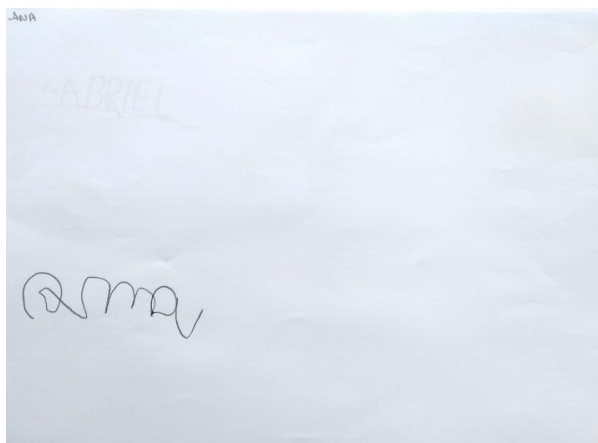
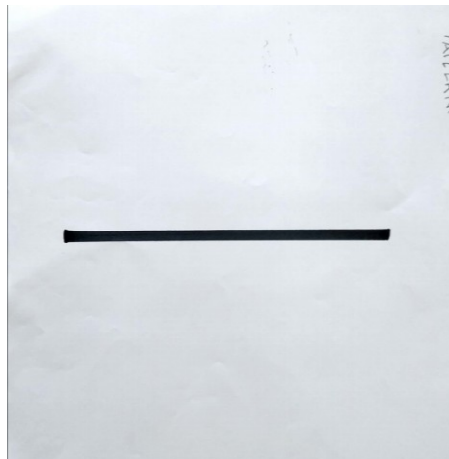


fig.3: Foto pessoal- Escrita do nome sem o auxílio da ficha.

O objetivo da segunda atividade era verificar se as crianças possuem noção de orientação de escrita, de onde a escrita começa e onde termina e a qual é função da linha. A segunda atividade foi da escrita do nome sem o auxílio das fichas, mas havia uma linha na folha. Expliquei para as crianças que iria entregar em uma folha de papel A4, com uma linha, para cada uma e que nessa folha era para escrever o seu nome.

Nessa atividade uma criança escreveu uma letra do nome, “S” espelhada. Uma me perguntou se podia escrever o nome de trás para frente e outras duas escreveram no canto da folha, não utilizando da linha.

As crianças demonstraram conhecimento de orientação espacial, com traços de qualidade,

com a orientação da escrita da esquerda para a direita. (Ferreiro, 2011, p21)



fig.4: Foto pessoal- Orientação espacial

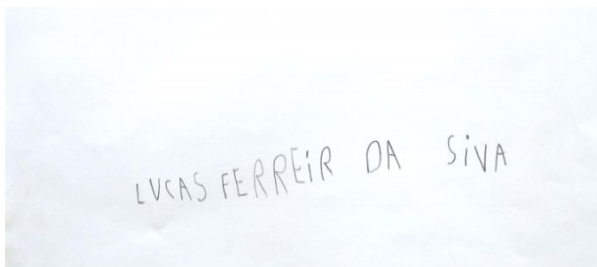


fig.5: Foto pessoal- Orientação espacial

O objetivo era de identificar um nome na ficha. Os nomes eram das crianças da turma. A terceira atividade foi para escolher uma ficha, e dizer qual o nome estava escrito. Ao perguntar o nome que estava na ficha, algumas crianças escolheram o nome do colega que sentava perto, e conseguiram identificar porque o vê escrevendo o nome. Outras escolheram o nome do amigo (a) e reconheceram pela letra inicial, outros escolheram o próprio nome, outros escolheram um nome, mas não conseguiram dizer de quem era.



fig.6: Foto pessoal- Ficha com nome das crianças

O objetivo era identificar e reconhecer as letras do nome próprio. A quarta atividade foi formar seu nome utilizando as letras do alfabeto móvel, e a partir dessas letras formarem uma nova palavra. Para formar o nome, 90 % conseguiram realizar a atividade. Quando foi para formar uma nova palavra, 60% conseguiram, os outros 40% somente enfileiravam as letras, sem ter noção de quantidade e sentido.

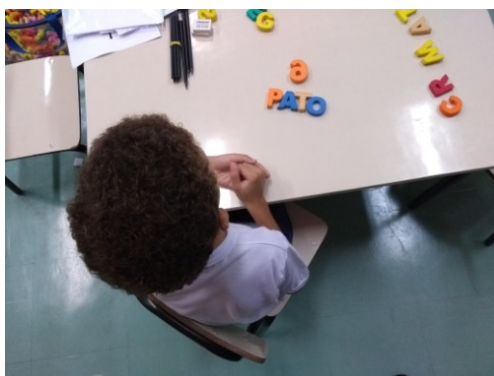


fig.7: Foto pessoal- identificar e reconhecer as letras do seu nome, construir novas palavras

O objetivo era juntar as sílabas para formar uma palavra, e fazer a sua leitura. A quinta atividade era de realizar a leitura de palavras formadas por sílabas canônicas. Ao contrário da atividade anterior, 80% das crianças conseguiram realizar a leitura dessas palavras, como por exemplo: tatu, sapo, vida, dado, bola, faca, gota, luva, nada, coco, rato, etc. Essas palavras foram utilizadas na atividade e algumas apareceram nas atividades desenvolvidas pela professora regênte..

A intenção dessas atividades foi de fazer com que as crianças percebessem que cada nome é diferente do outro, e que falamos podemos representar pela escrita e vice-versa.

Como podemos verificar de acordo com Magda Soares (2018):

... o simples contato com as letras, a memorização da escrita do próprio nome ou eventualmente de outros nomes, a recitação do alfabeto, caracterizam o momento apenas inicial do desenvolvimento da criança em direção à compreensão da natureza das relações entre as letras e a língua escrita, ou seja, em direção a consciência fonêmica. (SOARES,2018, p.208)

A intenção era de mostrar as crianças que existe uma ordem, de onde começa e onde termina, para realizar a escrita.

Foi feita uma sondagem, para verificar as hipóteses das crianças, para a realização do registro do nome. Que esse é apenas o princípio de onde iniciamos a escrita.

3. CONCLUSÕES

Ao longo desse trabalho, foi possível evidenciar que, para as crianças, o nome próprio tem grande significado, já que vem agregado de valor e exerce uma função social. Todo nome diz da história de alguém. O nome próprio, como está na denominação, é único, diz respeito a apenas um sujeito, e estabelece marcas de identidade que posiciona esse sujeito no grupo social. Além disso, como diz Emília Ferreiro (1999), o nome próprio parece funcionar como a primeira forma estável dotada de significação.

Durante a pesquisa, acredito que o maior desafio foi o fato de não estar na sala todos os dias, e não ser professora da turma. Isso faz com que o comportamento da turma mudasse um pouco. Não ter pleno conhecimento sobre o desenvolvimento da turma, sobre o seu dia a dia dentro de sala, limitou o meu olhar apenas sobre as observações de alguns momentos, em pequenos recortes. Embora esse possa ser um fator limitador, foi possível perceber o desenvolvimento das crianças em relação ao início do ano. Em março, as crianças ainda estavam fazendo uso da ficha, para realizar a escrita do nome próprio e em dezembro todas já realizavam a escrita do nome próprio, sem auxílio de ficha e a maioria da turma já estava escrevendo o nome completo.

Acredito também que o elo de confiança é muito importante nessa fase, e o fato de não ir todos os dias, as crianças não me conheciam e ficavam tímidas quando eu perguntava alguma coisa ou então já respondiam “não precisa me perguntar por que eu não sei”.

Foi possível perceber que, em muitas práticas de sala de aula, o objetivo era apenas de treinos ortográficos, cópias, memorização das correspondências entre sons e letras, sem nenhum sentido e significado para as crianças. Memorizar não significa ter conhecimento. Uma criança pode conhecer o nome (ou o valor sonoro convencional) das letras, e não compreender exhaustivamente o sistema de escrita (Ferreiro, 2011, p.20).

Essas práticas soltas, sem contexto que focalizam apenas a repetição e a memorização, viram simples repetição e associação de representação de letras por sons. Não podemos pensar que essas atividades não possuem seu valor, ela tem a sua importância, o que não podemos deixar é que a aprendizagem se reduza a apenas isso, a cópia e memorização. As cópias, memorização associação de sons, fazem parte do processo de aquisição da escrita.

O conhecimento das letras é, pois, componente fundamental da compreensão do princípio alfabético (Soares, 2018, p.209).

Dentro da sala também é importante esse momento de leitura, para que a criança comece a entender que o que está escrito pode ser lido, para entender essa relação da leitura e da

escrita. . O que falamos podemos registrar com as palavras, através da escrita. Essas atividades com leitura, manuseio de livros e outros portadores de texto, ajuda a criança a se familiarizar com o uso da escrita, não ficando restrita à reprodução de uma letra por vez. A escola deve proporcionar a criança vivências atrativas com a escrita, especialmente se quer trazer as práticas sociais da escrita.

Em alguns momentos, a escrita do nome próprio nas atividades, certamente se faz importante para que a criança consiga reproduzir o modelo apresentado, sendo significativo para a criança como atividade que vai proporcionar o domínio das habilidades necessárias para o ‘escrever’, o que inclui a própria coordenação motora.

Através da escrita, a criança tem a possibilidade de mudar e ampliar seu olhar, quando ela aprende a ler e a escrever, ela passa a ter outro relacionamento com o mundo. Recordo-me das histórias que ilustram muito bem esse outro relacionamento como as Crônicas de Nárnia, A menina que roubava livros, os personagens principais desses filmes, utilizavam da literatura para fugir do contexto de guerra, em que estavam inseridos.

É muito importante aprender e compreender o nome, e a partir dele ampliar os conhecimentos de forma prazerosa e natural, sem sofrimento. Por isso, a formação continuada de professor, que não pode deixar de buscar esse conhecimento, foi muito significativo realmente aprendi muito com todos os trabalhos estudados. Principalmente a real importância do nome próprio para a criança, como seu primeiro repertório de letras, no qual ... “ela começa por descobrir que as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra escritas (suas sílabas).(Ferreiro, 2011, p.27).

Considero a relevância do trabalho realizado, para associar à prática a teoria, pois nada adianta se após adquirir o conhecimento às práticas não sofrerem nenhuma mudança.

Dessa maneira, acredito que os objetivos foram parcialmente alcançados, pelo pouco tempo que permaneci na sala com as crianças, e que esse desenvolvimento só foi possível pelo trabalho desenvolvido durante todo o ano da professora regente, que junto com a escrita do nome trabalha a escrita e leitura das famílias silábicas com as crianças, fazendo cópias e trabalhando o significado das palavras construídas a partir das famílias apresentadas.

As atividades de cópia por cópia, e de repetição não são suficientes para garantir a apropriação da escrita pela criança.

4. REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. *A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância*. <http://portalmecc-portal.mec.gov.br> acessado em 17 de agosto de 2019.

BAPTISTA, Mônica Correia. *Apropriação da linguagem escrita na Educação Infantil*. Verbetes Glossário Ceale. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/apropriacao-da-linguagem-escrita-na-educacao-infantil>> Acesso em: 17 de agosto de 2019.

BELO HORIZONTE. *Proposições Curriculares Educação Infantil Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH*.vol.único Belo Horizonte: 2009.

BELO HORIZONTE. *Proposições Curriculares Educação Infantil Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH*.vol.2 Belo Horizonte: 2015.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 542p. *Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*, p 80 - 100 Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>> Acessado em 07 de Janeiro 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil – introdução*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol1. P103.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil /vol 2 Formação Pessoal e social*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol 2.p.85.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil - conhecimento de mundo*/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol 3. P.141.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília: 1996. < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acessado em 07/03/2019.

BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. *Psicogênese da aquisição da língua escrita* . Verbetes Glossário Ceale. < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/psicogenese-da-aquisicao-da-escrita>> Acessado em 08 de Fevereiro 2019.

CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis Elise. P. da Silva (organizadoras). *Educação Infantil- Pra que te quero?* – Porto Alegre: Artmed, 2001.p.164

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre Alfabetização. 26 ed.* São Paulo: Editora Cortez. 2011.Coleção questões da nossa época. Vol. 06, p 27.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*/ tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mario Corso. Porto Alegre: Artmed,1999. P.304. Reimpressão 2007.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Método silábico. Verbetes Glossário Ceale. < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/metodo-silabico>> Acessado em 08 de Fevereiro 2019. *Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização:perspectivas históricas e desafios atuais*. Educação (UFSM),v.32,p.21-40,2007.

SOARES, Magda. *Alfabetização:A questão dos métodos* – 1 ed.,2ª reimpressão. São Paulo: Contexto. 2018,p. 384.